

O Armário Móvel

Folha de Sala

Em memória de mim

Instalação de Gisela Casimiro
musicada por Odete
com curadoria de Benedita Pestana

Colégio das Artes da Universidade de Coimbra
Inauguração 13/05 às 17h - 20h
14/05 – 03/06/2022 das 14h às 18h

*Tarambolas ao fim do dia –
Dívidas por pagar
as pessoas choram*

ISSA Kobayashi, *Os animais [haikus]*
Lisboa: Assírio & Alvim, 2019.

Querido relicário,

Eis-me aqui, consciência divina, brisa tranquila, *tamagotchi* bomba, um coração a pilhas que cuidei sem beijar. As minhas penas são douradas, são veladas por uma caixa de esmolos, por cada alma no purgatório, por cada espírito no limbo.

Vou contar-te uma história:

Estou sozinha.

Vejo uma escada de bronze tão alta que alcança o céu.

É estreita, apenas uma pessoa pode subi-la, de cada vez.

Nas suas laterais, há todo o tipo de flagelos.

Ali, espadas, lanças, ganchos, cutelos e hastes estão distribuídos de tal maneira, que, se alguém subir desatento será mutilado.

O seu corpo ficará preso nos flagelos.

Ao pé da escada, estende-se uma gigantesca serpente, a preparar emboscadas aos que subirem. Aterrorizando-os para que não o façam.

Decido subir.

Ao chegar ao topo da escada, viro-me e ouço:

“Estamos à tua espera, mas tem cuidado para que a serpente não te morda”.

Ao que respondo:

“Não me fará mal”.

Com medo de mim, a serpente levanta a cabeça.

E assim, como se pisasse o primeiro degrau, piso-lhe a cabeça e alcanço o fim da escada.

Então, vejo um imenso jardim e, sentado no meio dele, um ancião de cabelos negros, vestido de pastor e com um ninho de tecelões na cabeça.

Em seu redor, milhares de vivos, milhares de mortos-vivos, milhares de mortos, vestidos de branco.

Ele levanta a cabeça, olha para mim e diz: “Bem-vinda, minha filha”.

E dá-me uma fatia do queijo de uma das suas ovelhas.

Com as mãos juntas, recebo o alimento e como.

Então, despertei ao som daquele coro celeste, com a boca salgada e satisfeita, respirei em 4-3-7 e percebi que tinha sido apenas um sonho. Abraço o meu martírio e neste mesmo dia, no ano vindouro, espero que haja *brie* à minha espera.

Rafaela Jacinto

Gisela Casimiro é escritora e artista. Publicou "Erosão" e as antologias "Rio das Pérolas", "Venceremos! Discursos escolhidos de Thomas Sankara", "As Penélopes", "Reconstituição Portuguesa" e "Trás Los Claveles". Tem obra traduzida para turco, alemão, mandarim e espanhol. Contribuiu nos últimos anos com crónicas para o Hoje Macau, Buala, Contemporânea, Setenta e Quatro. Foi convidada de vários festivais literários em Portugal, Turquia, Macau, Moçambique, Alemanha e Cabo Verde. A sua obra foi tema de uma sessão do Clube dos Poetas Vivos no TNDMII. Participou ainda da iniciativa "48 - Abril em Lisboa". Outras colaborações incluem o Goethe-Institut e o TBA. Realizou no Armário a exposição de poesia visual "O que perdi em estômago, ganhei em coração", sob curadoria de Ana Cristina Cachola (projecto "querêla"). Fez ainda parte da exposição colectiva "Four Flags" (Taffimai/Galeria Zé dos Bois/Quetzal Art Center), com curadoria de Luíza Teixeira de Freitas e Natxo Checa. Seguiu-se "Fazer de Casa Labirinto" na Balcony Gallery, com curadoria de Ana Cristina Cachola e Sérgio Fazenda Rodrigues. Integrou a exposição "Retrospectiva Retroescavadora" do colectivo Estrela Decadente. Realizou, com ROD (Rodrigo Saturnino) a exposição "I AM NOT YOUR ARTIST", também na Casa do Capitão. A convite de Kiluanji Kia Henda escreveu os textos da exposição "A mecânica do efémero" (Galeria Filomena Soares). Foi uma das artistas da exposição "Erro 417: Expectativa Falhada", com curadoria de Marta Espiridião (Galeria Municipal do Porto). A sua instalação "Coração-Magoado" ocupou a Janela/Taffimai. Integra a Colecção António Cachola. Em teatro participou de "Atlas" (São Luiz, Ana Borralho e João Galante), "Fausto" (Mala Voadora, CCB) e "A Paixão segundo São Mateus" (Romeo Castellucci, CCB). Integrou o INMUNE e é membro da UNA. Criou e modera o ciclo de conversas "Temos de falar", em parceria com o portal BUALA e a Livraria Barata. <https://linktr.ee/giselacasimiro>

O Armário é um corpo e um objeto, um dispositivo expositivo que tem vindo a fazer carreira ali à direita de quem sobe a Calçada da Estrela, numa sala da escola Arte Ilimitada (entretanto encerrada). Sempre com a curadoria de Benedita Pestana, nos últimos oito anos este móvel foi palco (e por vezes o corpo) de mais de 40 intervenções por artistas de todas as predileções. Convocando sem pudor a *La Boîte-en-valise* de Marcel Duchamp ou a *Galerie Légitime* de Robert Filliou, o Armário compõe-se e decompõe-se nas mãos dos artistas que aceitam o desafio de criar um trabalho para esta montra. O Armário teve a sua primeira edição em Abril de 2014, numa lógica de continuidade com o projeto que foi o seu antecessor, A Montra (o espaço expositivo era uma montra no edifício da Arte Ilimitada, virada para a Calçada da Estrela). A partir desse momento inaugural, foi adquirindo uma entidade quase antropomórfica bastante própria e tornou-se num espaço de referência no meio artístico, sobretudo em Lisboa. Ainda assim, "O Armário" apresenta-se sempre ao artistas como aquilo que é realmente: um móvel em madeira, contando 2 metros de altura, 1,18 de largura e 0,35 de profundidade; constituído por duas portas em vidro, três prateleiras amovíveis e duas gavetas com puxadores em latão. Assente na lógica do *site specific*, o projeto convida artistas para desenvolverem uma obra adaptada às suas circunstâncias e morfologia. As obras podem fechar-se atrás das portas de vidro do Armário, ou estenderem-se para o espaço exterior na sala onde ele se encontra. Ao artista dá-se livre arbítrio e a condição de não danificar o objeto.

Em 2022 e 2023, o Armário aventura-se fora de portas e assume inteiramente a sua natureza *móvel* num périplo que tem início em Coimbra, no átrio do Colégio das Artes, onde se apresentará com uma instalação da escritora, artista e ativista Gisela Casimiro. Antes de regressar a casa, em junho de 2023 com uma obra de Luísa Cunha, o Armário passará por Almada, Porto, Caldas da Rainha e Évora.

Com o apoio de: Contemporânea, Colégio das Artes de Coimbra, Anozero'21–22 - Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra

Este projeto é financiado por:

